

A casa de doces

Da autora vencedora
do Pulitzer por
A visita cruel do tempo

Jennifer
Egani

inrínseca

A CASA
DE DOCES
JENNIFER
EGAN

TRADUÇÃO DE DÉBORA LANDSBERG



Copyright © 2022 by Jennifer Egan

TÍTULO ORIGINAL
The Candy House

REVISÃO
João Sette Camara
Juliana Brandt

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Jamie Keenan

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Láisa Andrade

Trecho do poema “O cérebro é mais amplo do que o céu” reproduzido na página 7:
tradução de José Lira, na obra *Alguns Poemas*, Iluminuras, São Paulo, 2006.

Trecho de James Baldwin reproduzido na página 7: tradução de Paulo Henriques
Britto, na obra *O quarto de Giovanni*, Companhia das Letras, São Paulo, 2018.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E27c

Egan, Jennifer, 1962-
A casa de doces / Jennifer Egan ; tradução Débora Landsberg. - 1. ed. - Rio de
Janeiro : Intrínseca, 2022.
384 p. ; 21 cm.

Tradução de: The candy house
ISBN 978-65-5560-416-0

1. Ficção americana. I. Landsberg, Débora. II. Título.

22-7839

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marques de São Vicente, 99, 6o andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Ao meu grupo de escritores:
colaboradores e compatriotas,*

*Ruth Danon
Lisa Fugard
Melissa Maxwell
David Rosenstock
Elizabeth Tippens*

*O Cérebro – é mais amplo do que o Céu –
Se lado a lado – os tens –
Com folga este naquele caberá –
Cabendo-te também –*

EMILY DICKINSON

Pois nada é mais insuportável, uma vez obtido, que a liberdade.

JAMES BALDWIN, O quarto de Giovanni

CONSTRUÇÃO

O ENCANTO DA AFINIDADE

I

— Eu estou com um desejo — disse Bix, de pé ao lado da cama, alongando os ombros e a coluna, um ritual que fazia toda noite antes de se deitar. — De simplesmente conversar.

Lizzie olhou por cima dos cachos pretos de Gregory, o caçula deles, que mamava em seu peito.

— Estou ouvindo — murmurou ela.

— É...

Gregory respirou fundo.

— Não sei. Difícil.

Lizzie se sentou e Bix entendeu que a havia assustado. Desalocado do seio, Gregory protestou:

— Mamãe! Não consigo pegar.

Ele tinha acabado de completar 3 anos.

— A gente precisa desmamar esse menino — resmungou Bix.

— Não — contestou Gregory enfaticamente, com um olhar de reprovação para Bix. — Eu não quero.

Lizzie sucumbiu aos puxões de Gregory e tornou a se recostar. Bix se perguntava se o último dos quatro filhos não iria, com a cumplicidade da esposa, prolongar a infância até a idade adulta. Ele se espreguiçou ao lado dos dois e olhou-a com ansiedade.

— O que houve, amor? — sussurrou Lizzie.

— Nada — mentiu Bix, porque o problema era difuso demais, amorfo demais para explicar.

Em seguida, soltou uma verdade:

— Não paro de pensar na rua Sete. Naquelas conversas.

— Outra vez — disse ela baixinho.

— Outra vez.

— Mas por quê?

Bix não sabia, principalmente porque, lá na rua Sete, no lado leste, só tinha entreouvido Lizzie e seus amigos em meio a uma nuvem de fumaça de maconha, andarilhos desorientados em um vale nevoento: *Qual é a diferença entre amor e luxúria? O mal realmente existe?* Bix estava na metade do doutorado quando Lizzie se mudou para a casa dele, e ele já tivera aquelas conversas no colégio e nos primeiros anos na Penn. A nostalgia atual era pelo que sentira ao *entreouvir* Lizzie e seus amigos, empoleirado diante do computador SPARCstation conectado a um *modem* à Viola World Wide Web: a informação secreta, arrebatadora, de que o mundo que aqueles graduandos estavam tão ocupados definindo, em 1992, em breve estaria obsoleto.

Gregory mamava. Lizzie cochilava.

— Podemos? — pressionou Bix. — Ter uma conversa daquelas?

— *Agora?*

Lizzie parecia sugada: *estava* sendo sugada diante de seus olhos! Bix sabia que ela se levantaria às seis para cuidar das crianças enquanto ele meditava e depois, quando começaria a fazer suas ligações para a Ásia. Ele sentiu uma onda de desespero. Com quem poderia conversar daquele jeito casual, franco, juvenil, com que as pessoas conversavam na faculdade? Qualquer um que trabalhasse na Mandala tentaria, de uma forma ou de outra, agradá-lo. Qualquer um que não trabalhasse, presumiria segundas intenções, talvez um teste, bem provavelmente um teste cuja recompensa seria um emprego na Mandala! Os pais, as irmãs? Nunca falava com eles desse jeito, por mais que os amasse.

Quando Lizzie e Gregory estavam dormindo profundamente, Bix carregou o filho pelo corredor rumo à sua caminha. Resolveu se vestir de novo e sair. Já passava das onze. Ele andar pelas ruas de Nova York sozinho a qualquer hora que fosse, que dirá após o

anoitecer, violava as medidas de segurança do conselho, e por isso Bix evitou sua marca registrada, o paletó desconstruído que tinha acabado de tirar (inspirado pelas bandas de ska que adorava nos tempos de colégio) e o chapéu pequeno de couro que usava desde que saíra da NYU quinze anos antes para amenizar a nudez bizarra que sentia depois de ter cortado os *dreads*. Desencavou do *closet* uma jaqueta camuflada e um par de botas gastas e adentrou a noite em Chelsea com a cabeça descoberta, resistindo à brisa fria no couro cabeludo — agora calvo no topo, era verdade. Estava prestes a acenar para a câmera, para que os guardas o deixassem voltar para pegar o chapéu, quando reparou em um camelô na esquina da Sétima avenida. Percorreu a rua Vinte e Um até a banca e provou um gorro de lã preto, conferindo o visual no espelhinho redondo afixado à lateral da barraca. Parecia uma pessoa totalmente comum com o acessório, até para si mesmo. O camelô aceitou sua nota de cinco dólares como aceitaria a de qualquer um, e a transação inundou o coração de Bix com um deleite travesso. Havia passado a esperar reconhecimento aonde quer que fosse. O anonimato era uma novidade.

Era início de outubro, uma navalha fria na brisa. Bix foi subindo até a Sétima avenida com a intenção de dobrar a esquina depois de alguns quarteirões. Mas andar no escuro era bom. Sentia-se de volta aos anos da rua Sete: aquelas noites esporádicas, bem no começo, em que os pais de Lizzie vinham de San Antonio. Eles achavam que ela dividia o apartamento com uma amiga, Sasha, também aluna de segundo ano da NYU; uma armação que Sasha corroborou lavando roupa no banheiro no dia em que os pais de Lizzie foram ver o apartamento no começo do semestre de outono. Lizzie fora criada em um mundo cego às pessoas negras, à exceção daquelas que serviam as mesas ou carregavam os tacos no *country club* que seus pais frequentavam. Tinha tanto medo do suposto horror que os dois sentiriam ao vê-la morando com o namorado negro que Bix foi banido da cama durante as primeiras visitas, mesmo que tenham ficado hospedados em um hotel na

área central da ilha! Não importava: eles simplesmente *saberiam*. Então Bix caminhava, vez por outra desabando no laboratório de engenharia sob o pretexto de virar a noite trabalhando. Essas caminhadas haviam deixado uma memória corporal: o imperativo obstinado de seguir em frente apesar do ressentimento e da exaustão. Ficava revoltado ao pensar que tinha se sujeitado àquilo — embora achasse que, em uma planilha de equilíbrio cósmico, isso justificava o fato de agora Lizzie administrar todos os aspectos da vida doméstica para que ele pudesse trabalhar e viajar quando quisesse. A legião de coisas boas que tinha conseguido desde então podia ser considerada uma recompensa por aquelas caminhadas. Mas, ainda assim, *por quê?* O sexo era tão bom assim? (Bom, era.) Sua autoestima era tão baixa a ponto de ceder ao pensamento mágico da namorada branca sem protestar? Ele havia gostado de ser o segredo ilícito dela?

Nada disso. O que tinha alimentado a tolerância de Bix, sua resistência, era a servidão à sua Vision, que ardia com uma clareza hipnótica naquelas noites arrastadas de exílio. Lizzie e seus amigos mal sabiam o que era a internet em 1992, mas Bix sentia as vibrações de uma rede invisível de conexões abrindo seu caminho à força pelo mundo como o conhecíamos, como rachaduras craquelando um para-brisa. A vida que levavam logo seria estilhaçada e varrida, momento em que todos ressurgiriam em uma nova esfera metafísica. Bix imaginava a ocasião como as pinturas do Juízo Final, cujas reproduções colecionava, só que sem o inferno. Pelo contrário: desencarnados, ele acreditava, os negros seriam salvos do ódio que os cercava e limitava no plano físico. Poderiam enfim se movimentar e se reunir à vontade, sem a pressão exercida por gente como os pais de Lizzie: aqueles texanos sem rosto que se opunham a Bix sem saber que ele existia. O termo “mídia social” só seria cunhado para descrever a atividade da Mandala quase uma década depois, mas Bix o concebera muito antes de transformá-lo em realidade.

Tinha guardado aquela fantasia utópica para si, graças a Deus — parecia de uma ingenuidade cômica do ponto de vista de 2010.

Mas a arquitetura básica da Vision — tanto global quanto pessoal — havia se mostrado certa. Os pais de Lizzie tinham comparecido (friamente) ao casamento deles no Tompkins Square Park em 1996, mas não mais friamente do que os pais do próprio Bix, para os quais bodas decentes não incluíam um mágico, malabaristas ou violinistas. Quando as crianças começaram a nascer, todo mundo relaxou. Desde que o pai de Lizzie falecera, no ano anterior, a mãe dela passara a ligar para *ele* de madrugada, quando sabia que Lizzie estaria dormindo, para falar da família: será que Richard, o mais velho, não gostaria de aprender a andar a cavalo? Será que as meninas curtiriam um musical da Broadway? Em pessoa, o sotaque texano nasalado da sogra irritava Bix, mas não tinha como negar o quê de satisfação que essa mesma voz, desencarnada à noite, lhe proporcionava. Cada palavra que trocavam através do éter era um lembrete de que ele estivera certo.

As conversas da rua Sete, lado leste, se encerraram em uma manhã. Depois de uma noite de farra, dois dos melhores amigos de Lizzie foram nadar no East River e, levado pela correnteza, um deles se afogou. Os pais de Lizzie estavam de visita na época, um detalhe que poderia ter colocado Bix perto da tragédia. Tinha esbarrado com Rob e Drew no East Village de manhãzinha e tomado *ecstasy* com eles, e os três tinham cruzado a passarela até o rio juntos, ao amanhecer. O nado impetuoso acontecera depois de Bix ir para casa, que ficava mais abaixo seguindo o rio. Apesar de ter repetido todos os pormenores daquela manhã para o inquérito policial, agora eram todos vagos. Já haviam se passado dezessete anos. Bix mal conseguia visualizar os dois garotos.

Virou à esquerda na Broadway e foi até a rua 110 — era sua primeira perambulação dessas desde que se tornara famoso, mais de uma década atrás. Nunca havia passado tanto tempo nos arredores de Columbia, e algo o atraía naquelas ruas íngremes e edifícios magníficos construídos antes da guerra. Erguendo os olhos para as janelas iluminadas de um deles, Bix achou que praticamente podia ouvir a potência das ideias que fervilhavam atrás delas.

A caminho do metrô (outra primeira-vez-em-uma-década), ele parou diante de um poste de luz coberto de folhetos que anunciavam bichinhos perdidos e móveis usados. Um pôster impresso chamou sua atenção: uma palestra no *campus* que seria dada por Miranda Kline, a antropóloga. Bix conhecia Miranda Klein muito bem, e ela também o conhecia. Ele havia se deparado com o livro dela, *Padrões de afinidade*, um ano depois de criar a Mandala, e suas ideias explodiram na cabeça dele como a tinta de uma lula e o tornaram muito rico. O fato de MK (como Kline era carinhosamente chamada no universo dele) deplorar os usos que Bix e sua laia tinham feito de sua teoria só aguçava seu fascínio por ela.

Um folheto escrito à mão estava grudado ao lado do pôster: “Vamos conversar! Grandiosos questionamentos interdisciplinares em linguagem simples.” Três semanas após a palestra de Kline haveria uma reunião introdutória. Bix ficou animado com a coincidência. Tirou uma foto do pôster e então, só para fazer graça, arrancou um dos canhotos da parte inferior do “Vamos conversar” e o enfiou no bolso, admirado com o fato de que, mesmo no novo mundo que ajudara a criar, as pessoas ainda colassem papéis em postes de luz.

2

Três semanas depois, Bix se viu no oitavo andar de um daqueles prédios residenciais imponentes, desbotados, nos entornos do *campus* de Columbia — talvez justamente aquele que tinha admirado da rua. O apartamento tinha uma agradável semelhança com o que Bix imaginara: assoalho de parquet desgastado, frisos brancos manchados, gravuras emolduradas e pequenas esculturas (os anfitriões eram professores de história da arte) penduradas nas paredes e sobre o vão das portas, enfiadas entre fileiras de livros.

Fora os anfitriões e um casal, nenhum dos oito participantes do “Vamos conversar” se conhecia. Bix havia decidido faltar à palestra de Miranda Kline (supondo-se que tivesse dado um jeito de entrar); a antipatia que a mulher tinha por ele lhe dava a impressão de que seria errado comparecer, mesmo estando disfarçado. Seu disfarce era de “Walter Wade”, aluno de pós-graduação em engenharia elétrica — em outras palavras, o próprio Bix dezessete anos antes. O que lhe deu o descaramento de posar de aluno de pós-graduação tantos anos depois foi a convicção de que parecia bem mais jovem aos 41 anos do que a maioria dos brancos. Mas Bix se enganara ao presumir que os outros membros do grupo de discussão seriam todos brancos: Portia, uma das anfitriãs, historiadora de arte, era asiática, e havia uma professora brasileira de estudos animais. Rebecca Amari, a mais nova, doutoranda em sociologia (a única outra estudante além de “Walter Wade”), era de etnia ambígua e, ele desconfiava, negra — houvera uma pontada de identificação entre os dois. Rebecca também tinha uma beleza irresistível, um fato salientado, em vez de atenuado, por seus óculos à la Dick Tracy.

Por sorte, Bix tinha preparado outras ferramentas para ocultar sua identidade. Comprara pela internet uma bandana com *dreadlocks* embutidos. Tinha sido caríssima, mas os *dreads* pareciam reais ao olhar e ao toque, e o peso deles entre suas escápulas era como o toque de um fantasma. Tendo sentido aquele peso durante muitos anos, estava gostando de tê-lo de volta.

Depois que todos se acomodaram em sofás e cadeiras e se apresentaram, Bix, incapaz de conter a curiosidade, perguntou:

— Então, como ela é, a Miranda Klein?

— Supreendentemente engraçada — disse Ted Hollander.

O marido de Portia, também historiador de arte, parecia ter cinquenta e tantos anos, uma geração acima da de Portia. A filha bebê dos dois já tinha irrompido sala de estar adentro, seguida por uma babá que era universitária.

— Eu achei que seria azeda, mas ela é quase divertida.

— O que deixa ela azeda é o pessoal que rouba as ideias dela — disse Fern, decana do departamento de estudos das mulheres e ela mesma bastante azeda, ponderou Bix.

— As pessoas usaram as ideias dela de uns jeitos que ela não pretendia — declarou Ted. — Mas acho que nem a Kline chama isso de roubo.

— Ela chama de “deturpação”, não é? — perguntou Rebecca, hesitante.

— Fiquei surpresa com a beleza dela — disse Tessa, uma jovem professora de dança cujo marido, Cyril (matemática), também estava presente. — Mesmo tendo 60 anos.

— Opa — disse Ted em tom afável. — Sessenta não é tanta idade assim.

— A aparência dela é relevante? — perguntou Fern, provocando Tessa.

Cyril, que tomava partido de Tessa em tudo, ficou eriçado.

— Miranda Kline diria que é relevante — afirmou ele. — Mais da metade dos Traços de Afinidade do livro dela têm a ver com a aparência física.

— O *Padrões de afinidade* provavelmente explica cada uma das nossas reações à Miranda Kline — disse Tessa.

Apesar dos murmúrios de aprovação, Bix tinha absoluta certeza de que, além de si mesmo (e ele não diria nada), só Cyril e Tessa tinham lido a obra-prima de Kline, uma monografia fina com algoritmos que explicavam a confiança e a influência entre membros de uma tribo brasileira. Volta e meia era chamada de “O Genoma das Propensões”.

— É uma tristeza — disse Portia. — Kline é mais conhecida por ter tido sua obra cooptada pelas empresas de mídia social do que pela obra em si.

— Se não tivesse sido cooptada, não haveria quinhentas pessoas naquele auditório — comentou Eamon.

Eamon era historiador cultural, visitante da Universidade de Edimburgo, e estava escrevendo um livro sobre resenhas de pro-

ditos. Seu rosto comprido e inexpressivo parecia encobrir uma empolgação ilícita, pensou Bix, como uma casa de fachada comum que abrigasse um laboratório de metanfetamina.

— Talvez lutar pelo objetivo original da obra seja uma forma de continuar conectada a ela... de possuí-la — disse Kacia, a professora brasileira de estudos animais.

— Se não estivesse tão ocupada lutando pela velha talvez a esta altura ela já tivesse umas teorias novas — contrapôs Eamon.

— Quantas teorias seminais um acadêmico é capaz de produzir na vida? — questionou Cyril.

— Realmente — murmurou Bix, e sentiu a comoção de um receio conhecido.

— Ainda mais se ela começou tarde — acrescentou Fern.

— Ou teve filhos — disse Portia, com uma olhada aflita para o fogãozinho de brinquedo da filha no canto da sala.

— Foi exatamente por isso que Miranda Kline começou tarde — explicou Fern. — Ela teve duas filhas, uma logo após a outra, e o marido largou ela quando ainda usavam fraldas. Kline é o sobrenome dele, não dela. O cara era produtor musical.

— Que merda — disse Bix, soltando o palavrão como parte do disfarce.

Ele era conhecido por *não* praguejar: a mãe, professora de gramática do sétimo ano, demonstrava um desdém tão contundente pela imbecilidade repetitiva e o conteúdo infantil dos palavrões que tinha conseguido aniquilar seu poder de transgressão. Mais tarde, Bix saboreava o fato de que não xingar o distinguiu de outras lideranças da tecnologia, cujos surtos desbocados eram infames.

— Bom, o marido já morreu — declarou Fern. — Ele que vá para o inferno.

— Ora, ora, um retributivista entre nós — comentou Eamon mexendo as sobrancelhas de forma sugestiva.

Apesar da meta declarada de usar “linguagem simples”, os professores não conseguiam conter sua propensão a academicismos;

Bix imaginava que a conversa de Cyril e Tessa na cama incluísse termos como “desiderato” e “puramente nocional”.

Rebecca chamou sua atenção e Bix deu um sorriso largo — uma sensação tão inebriante quanto tirar a camiseta. No aniversário de 41 anos, no ano anterior, ele recebera de presente um folheto de papel cuchê intitulado “Bixpressões”, que compilava, com fotografias, um sistema de significados atribuídos a mudanças quase imperceptíveis nos seus olhos, mãos e postura. Na época em que era o único estudante negro de doutorado do laboratório de engenharia da NYU, Bix se via gargalhando das piadas alheias e tentando fazer os outros gargalharem, uma dinâmica que o deixava vazio e deprimido. Quando obteve o doutorado, parou de rir no trabalho; depois, parou de sorrir, preferindo cultivar um ar compenetrado de hiperatenção. Escutava, testemunhava, mas praticamente sem reação visível. Essa disciplina tinha intensificado seu foco a nível de deixá-lo convicto, em retrospecto, de que ela o ajudara a ser mais esperto e passar a perna nas forças que estavam de prontidão para absorvê-lo, cooptá-lo, botá-lo de lado e substituí-lo pelos homens brancos que todos esperavam ver. Tinham ido até ele, é claro — vindos de cima e de baixo, de dentro e de todos os lados. Às vezes eram seus amigos; às vezes confiava neles. Mas nunca além da conta. Bix previra cada campanha para miná-lo ou derrubá-lo muito antes de a tropa se reunir, e tinha resposta pronta quando isso acontecia. Não conseguiam passar na sua frente. No final das contas, Bix deu emprego a alguns, valendo-se da energia ardilosa dessas pessoas para desenvolver o trabalho dele mesmo.

O próprio pai tinha encarado a ascensão de Bix com cautela. Homem corporativo, viciado em trabalho, que usava o relógio de prata com que fora presenteado ao se aposentar de um cargo administrativo em uma empresa de aquecimento e refrigeração perto da Filadélfia, o pai de Bix havia *defendido* a decisão do prefeito Goode de bombardear a casa dos “preguiçosos” do grupo radical de libertação negra MOVE, que “tinha colocado o prefeito numa situação delicada” (palavras do pai) em 1985. Bix tinha 16 anos, e as brigas

travadas com o pai por conta da bomba e da consequente destruição de dois quarteirões da cidade havia criado um abismo entre eles que nunca se fecharia verdadeiramente. Até hoje Bix sentia o cheiro da reprovação do pai — por ter ido além, por ter virado uma celebridade (e, portanto, um alvo), por não ter prestado atenção aos sermões do pai (até agora abundantemente proferidos do leme da pequena lancha que o pai usava para pescar na costa da Flórida), cujo refrão, aos ouvidos de Bix, era: *Pense pequeno ou sofra*.

— Fico aqui pensando — disse Rebecca, com certa timidez — se o que aconteceu com a teoria dela não transforma Miranda Kline numa figura trágica. Digo, no sentido de Grécia Antiga.

— Interessante — disse Tessa.

— A gente deve ter *Poética* — disse Portia.

Bix observou atônito quando Ted se levantou da cadeira para procurar um exemplar em papel. Nenhum daqueles acadêmicos parecia ter sequer um BlackBerry, quanto mais um iPhone, e em 2010! Era como se infiltrar num submundo ludita! Bix se levantou também, aparentemente para ajudar Ted a procurar o livro, mas na verdade era uma desculpa para dar uma olhada no apartamento. Estantes embutidas cobriam todas as paredes, até as do corredor, e ele andava devagar entre elas, examinando as lombadas de livros de arte enormes em capa dura e brochuras amareladas. Fotografias desbotadas espalhavam-se em pequenos porta-retratos entre os livros: garotinhos sorridentes em frente a uma casa ampla no meio de montes de folhas rasteladas, ou de montes de neve, ou do verde de alto verão. Meninos com tacos de beisebol, bolas de futebol. Quem seriam? A resposta chegou com a foto de um Ted Hollander bem mais novo erguendo um dos meninos para que colocasse a estrela no alto de uma árvore de Natal. Então o professor tinha uma vida pregressa no subúrbio, ou talvez no interior, onde tinha criado filhos antes do advento da fotografia digital. Portia tinha sido sua aluna? A diferença de idade era sugestiva. Mas por que supor que Ted havia rompido com sua vida pregressa? Talvez sua vida pregressa tivesse rompido com ele.

É possível recomeçar *sem* romper com tudo?

A pergunta aumentou o receio que Bix sentira minutos antes, e ele se refugiou no banheiro para superá-lo. Um espelho manchado pelo tempo estava pendurado sobre a bojuda pia de porcelana, e ele se sentou no tampo do vaso para evitá-lo. Fechou os olhos e se concentrou na respiração. Sua Vision original — a esfera luminosa de interconexões que tinha concebido na época da rua Sete — havia se tornado a função da Mandala: implementar, expandir, manipular, monetizar, vender, sustentar, aprimorar, renovar, universalizar, padronizar e globalizá-la. Em breve a missão estaria completa. E depois? Fazia tempos que estava ciente do umbral sugestivo em sua paisagem mental, à meia distância, para além do qual sua visão seguinte o aguardava. Mas sempre que tentava dar uma olhada para além desse umbral, sua cabeça era tomada por um branco. A princípio ele se aproximara desse espaço pálido com curiosidade: seriam *icebergs*? Uma visão relacionada ao clima? A cortina branca de uma visão teatral ou a tela vazia de uma visão cinematográfica? Aos poucos, começou a perceber que a brancura não era uma substância, mas uma ausência. Era o nada. Bix não tinha visão nenhuma além daquela que já havia praticamente esgotado.

Essa compreensão chegou de forma categórica em uma manhã de domingo alguns meses depois de seu quadragésimo aniversário, quando descansava na cama com Lizzie e as crianças, e o horror sacolejante que causou o fez correr para o banheiro e vomitar às escondidas. A ausência de uma nova visão desestabilizou sua percepção de tudo o que havia feito: valia a pena se levava a nada — se, aos 40, estava limitado a comprar ou roubar o restante de suas ideias? A ideia lhe deu uma sensação assombrada, assombrosa. *Teria* mesmo passado da conta? No ano transcorrido desde aquela manhã horrível, a Anti-Vision lhe fizera sombra, às vezes quase imperceptível, mas sem jamais sumir por completo, estivesse ele levando as crianças à escola ou jantando na Casa Branca, o que já tinha feito quatro vezes no ano e meio desde que Barack e Mi-

chelle haviam tomado posse. Podia estar se dirigindo a uma plateia de milhares de pessoas ou na cama, ajudando Lizzie a atingir seu orgasmo fugidio, quando o vazio agourento começava a zumbir ao redor, arauto de um vácuo que o assolava e assustava. Foi mais de uma vez que se imaginou agarrado a Lizzie, choramingando: “Me ajuda. Estou acabado.” Mas Bix Bouton jamais poderia dizer uma coisa dessas a ninguém. Acima de tudo, precisava se preservar: cumprir os papéis de marido, pai, patrão, ícone da tecnologia, filho obediente, grande colaborador político e parceiro sexual infatigavelmente atencioso. O homem que desejava voltar à universidade, na esperança de provocar uma nova revelação que moldasse o resto de sua vida, precisaria ser outro homem.

Voltou à sala e se deparou com Cyril e Tessa examinando um livro com um arrebatamento carnal, como se fosse um pote de sorvete.

— Vocês acharam — exclamou Bix.

Tessa sorriu, erguendo um tomo de Aristóteles da mesma série de “Grandes Livros” que os pais dele tinham comprado junto com a estimada *Enciclopédia Britannica*. Bix consultava a *Britannica* com ar de reverência quando criança, citando-a em trabalhos escolares sobre canibais, cicuta e Plutão; lendo os verbetes sobre animais puramente por prazer. Quatro anos atrás, quando os pais se mudaram para o humilde apartamento na Flórida — tendo recusado sua ajuda para comprar um maior, por orgulho (o pai) e modéstia (a mãe) —, Bix encaixotou os volumes e os deixou na calçada em frente à casa onde tinha sido criado, na zona oeste da Filadélfia. No novo mundo que tinha ajudado a inventar, ninguém jamais precisaria abrir uma enciclopédia de papel.

— Na minha interpretação de Aristóteles — declarou Tessa — ... e levem em conta que sou professora de dança, deve existir um milhão de páginas acadêmicas sobre isso... mas a Miranda Kline *não é* uma figura trágica. Para que fosse trágica-trágica, as pessoas que se apropriaram da teoria teriam que ser parentes dela. Isso incrementaria a traição e a ironia dramática.

— Além do mais, ela não *vendeu* a teoria? Ou os algoritmos?
— perguntou Kacia.

— Acho que existe um mistério em torno disso — disse Portia. — Alguém vendeu, mas não foi a Kline.

— Era propriedade intelectual dela — disse Fern. — Como é que outra pessoa poderia vender?

Sendo um dos compradores dos algoritmos de Kline, Bix se contorceu em um estado de ambivalência melindroso. Ficou aliviado quando Ted disse:

— Faço outra pergunta: os algoritmos da Miranda Kline ajudaram as empresas de mídia social a prever confiança e influência, e fizeram fortuna com eles. Isso é necessariamente ruim?

Todo mundo se voltou para ele com ar de surpresa.

— Não estou dizendo que *não é* ruim — disse Ted. — Mas não vamos considerar isso um ponto pacífico, vamos analisar. No beisebol, por exemplo, cada ato é mensurável: a velocidade e os tipos de lançamento, quem chega à base e de que jeito. O jogo é uma interação dinâmica entre seres humanos, mas também pode ser descrito quantitativamente, com números e símbolos, a quem sabe interpretá-los.

— Você é uma dessas pessoas? — perguntou Cyril, incrédulo.

— Ele é uma dessas pessoas — confirmou Portia dando uma risada e passando o braço em torno do marido.

— Meus três filhos jogaram na Liga Infantil — explicou Ted. — Pode chamar de síndrome de Estocolmo.

— Três? — indagou Bix. — Achei que fossem dois. Pelas suas fotos.

— É o problema do filho do meio — disse Ted. — Todo mundo se esquece do pobre Ames. Bom, meu argumento é o de que a quantificação propriamente dita não estraga o beisebol. Na verdade, aprofunda nosso conhecimento sobre ele. Então por que somos tão avessos a permitir que *nós* sejamos quantificados?

Bix sabia, graças a uma rápida pesquisa na internet, que o sucesso acadêmico de Ted Hollander se dera em 1998, o mesmo ano

em que Bix tinha formado a Mandala. Já no meio de sua carreira, Ted havia lançado *Van Gogh, pintor do som*, revelando correlações entre os tipos de pincelada do pintor e a proximidade de bichos que faziam barulho, como cigarras, abelhas, grilos e pica-paus, cujos rastros microscópicos foram detectados em sua tinta.

— Discordo do Ted nesse ponto — declarou Portia. — Eu acho que se o objetivo de quantificar seres humanos é lucrar com os atos deles, é desumanizante... orwelliano, até.

— Mas ciência é quantificação — rebateu Kacia. — É assim que a gente soluciona mistérios e faz descobertas. E a cada novo passo existe sempre a preocupação de que possamos estar “cruzando a linha”. Antigamente chamavam isso de blasfêmia, mas agora é algo mais vago, que se resume a *saber demais*. Por exemplo, no meu laboratório nós começamos a externalizar a consciência animal...

— Perdão — interrompeu Bix, acreditando ter ouvido mal. — Vocês estão fazendo o quê?

— Nós podemos fazer *uploads* das percepções de um animal — disse Kacia. — Usando sensores cerebrais. Por exemplo, eu posso captar parte da consciência de um gato e depois assistir isso com um visor exatamente como se eu fosse o gato. Em última análise, isso vai nos ajudar a descobrir como animais diferentes percebem as coisas e do que eles se lembram... como pensam, basicamente.

Bix formigava com uma súbita vivacidade.

— A tecnologia ainda é muito rudimentar — disse Kacia. — Mas já gerou polêmica: estamos *cruzando a linha* ao violar a mente de outro ser senciente? Estamos abrindo a caixa de Pandora?

— E assim voltamos ao problema do livre arbítrio — constatou Eamon. — Se Deus é onipotente, então somos marionetes? E se somos marionetes, é melhor a gente saber disso ou não?

— Deus que vá para o inferno — exclamou Fern. — Estou preocupada é com a internet.

— Você se refere a uma entidade que tudo vê e tudo sabe, e que talvez esteja prevendo e controlando seu comportamento até

mesmo quando você acha que está escolhendo por conta própria?
— perguntou Eamon a Rebecca com uma olhada marota.

Ele vinha flertando com ela a noite inteira.

— Opa! — soltou Tessa, pegando na mão de Cyril. — A conversa está ficando interessante.

3

Bix foi embora do apartamento de Ted e Portia cheio de esperança. Havia sentido uma mudança dentro de si em certos momentos da discussão, o despertar de uma ideia que parecia conhecer de tempos atrás. Pegou o elevador com Eamon, Cyril e Tessa enquanto os outros ficaram para trás, observando algumas peças de gesso com relevos que Ted tinha trazido de uma viagem a Nápoles décadas antes. Em frente ao prédio, Bix ficou um tempinho em uma roda de conversa fiada, sem saber direito como se afastar sem parecer mal-educado. Relutava em informar que estava a caminho do Centro da cidade; será que um estudante de pós-graduação de Columbia *moraria* no Centro da cidade?


No fim das contas, Eamon seguiria para oeste e Cyril e Tessa pegariam o trem para Inwood, onde moravam depois de terem sido expulsos dos arredores de Columbia pelos preços e, na condição de professores assistentes, não terem conseguido uma das moradias disponíveis para docentes. Cheio de culpa, Bix pensou em sua casa de cinco andares. Os professores tinham mencionado que não tinham filhos, e uma das laterais dos óculos com armação de metal de Cyril estava presa com um clipe de papel. Mas percebia-se um estalo de condutividade entre os dois: ao que parecia, as ideias bastavam.

Animado pela sensação de que poderia ir aonde quisesse como Walter Wade, Bix caminhou em direção ao Central Park. Mas as silhuetas das árvores meio desfolhadas contra o céu amarelado o dissuadiram antes que chegasse à entrada. Queria que estivesse

nevando: adorava as noites em que nevava em Nova York. Estava ansioso para se deitar ao lado de Lizzie e das crianças que tivessem desaguado, por pesadelos ou pela amamentação, na cama oceânica dos dois. Já passava das onze. Voltou para a Broadway e embarcou no trem 1, depois reparou em um expresso na Noventa e Seis e trocou, na esperança de alcançar um trem parador mais rápido. Da mochila de Walter, desencavou outro elemento de seu disfarce: um exemplar de *Ulisses* que tinha lido durante a pós-graduação com o objetivo explícito de adquirir profundidade literária. O que o tomo lhe deu concretamente foi Lizzie, em quem (por meio de um cálculo que Miranda Kline sem dúvida poderia explicar) a mistura de James Joyce com *dreads* que batiam na cintura provocou um desejo sexual irresistível. Da parte de Bix, o cálculo envolvia as botas de couro envernizado caramelo que iam além dos joelhos de Lizzie. Ele tinha guardado *Ulisses* como artefato romântico, embora seu aspecto gasto viesse mais da passagem dos anos do que de releituras. Ele o abriu ao acaso.


“Eureka! Buck Mulligan gritou. Eureka!”

Enquanto lia, Bix começou a se sentir vigiado. A sensação era tão familiar em sua vida normal que demorou a reagir, mas por fim levantou a cabeça. Rebecca Amari estava sentada do outro lado do vagão do metrô, observando-o. Ele sorriu para ela e levantou a mão. Ela agiu da mesma forma, e ele ficou aliviado ao perceber que parecia não ter problema ficarem afastados em mútuo reconhecimento amistoso. Ou teria problema? Talvez fosse antisocial dar um cumprimento não verbal distante depois de algumas horas de discussão animada em grupo. Era tão raro Bix precisar se debater com questões de etiqueta social comum que havia se esquecido das regras. *Quando estiver na dúvida, tome a atitude educada*: tinha internalizado essa máxima de sua mãe escrupulosamente educada de forma definitiva demais para desaprendê-la. Com relutância, guardou o *Ulisses* e atravessou o vagão em direção a Rebecca, se instalando no assento a seu lado. Bix se sentiu mal na mesma hora — estavam se encostando do joelho ao ombro! Ou o



Em 2010, em *A visita cruel do tempo*, Jennifer Egan criou um romance conceitual e caleidoscópico que conquistou o público e a crítica, vencendo os mais prestigiosos prêmios de literatura. A complexa rede de personagens — todos de alguma forma conectados com a indústria fonográfica — permitiu a Egan misturar diferentes técnicas narrativas, inclusive um capítulo todo feito em slides de PowerPoint, que tornaram o livro um fenômeno mundial.

Em *A casa de doces*, a autora retoma vários personagens secundários daquela história, a começar por Bix Bouton. Incrivelmente brilhante, Bix é um empresário de sucesso, conhecido por todos como um “semideus da tecnologia”. Mas, aos 40 anos, ele está exausto e desesperado por uma nova ideia. Até que se depara com um debate entre professores da Universidade de Columbia e descobre que um deles está pesquisando a “externalização” da memória humana. Em 2020, a nova ferramenta de Bix, Domine Seu Inconsciente — que acessa todas as memórias do ser humano e permite compartilhá-las em troca do acesso às memórias de outras pessoas —, já seduziu multidões. Mas nem todos se renderam aos seus encantos.



Em uma teia fascinante, acompanhamos as consequências dessa assustadora tecnologia na vida de vários personagens, cujos caminhos se cruzam em diferentes momentos ao longo de décadas. Mestre em manipular com precisão uma variedade de vozes e estilos, Jennifer Egan retrata em *A casa de doces* um mundo que não está tão distante de nossa realidade.

SAIBA MAIS

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1203/>

